



A CRÍTICA DE PAUL FEYERABEND À RACIONALIDADE COMO DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA

CRITICISM OF RATIONALITY IN PAUL FEYERABEND'S RESEARCH AS
EPISTEMIC DISOBEDIENCE

Caique Jasley Rosa Nascimento*
Bruno Martinez Portela**

Resumo: Desde o renascimento o processo de acumulação de conhecimento tem sido um construto hegemônico cuja fisionomia essencialmente do norte global promoveu a racionalidade como paradigma de pesquisa, conferindo à ciência um status de objetividade absoluta. Tal poderio tem obstaculizado significativamente a abertura para a diversidade no campo científico. Para tanto, o artigo apresenta as contribuições do filósofo da ciência Paul Karl Feyerabend (1946-1994), com vistas a concatenar o impacto de suas críticas ao racionalismo como modelo científico e aponta quais as ressonâncias para o debate sobre a necessidade de descentralizar as ciências. Para tanto, postula-se que a proposta do anarquismo metodológico descortinado por Feyerabend constitui um arsenal poderoso para questionar o privilégio epistêmico o qual tem dominado o território da ciência desde a modernidade.

* Acadêmico do curso de filosofia no 8º semestre na Faculdade Palotina – Fapas E-mail. Caiquejasleyservo@12gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5090775495137637>.

** Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Possui Graduação - Licenciatura Plena e Mestrado em Filosofia pela UFSM, bem como Técnico em informática pela URCAMP. Atualmente é professor de filosofia na Faculdade Palotina (FAPAS). É professor de filosofia e sociologia no Totem Vestibulares, professor de filosofia no Colégio Antônio Alves Ramos e docente nomeado na Escola Básica Estadual Cícero Barreto em Santa Maria. Possui experiência em filosofia com ênfase nas áreas de Filosofia moderna, filosofia contemporânea, Ética, Metaética e Política.

Palavras-chave: Paul Feyerabend. Racionalismo crítico. Desobediência epistêmica.

Abstract: This article aims to examine the contributions of the philosopher of science Paul Feyerabend in order to consolidate the impact of his criticisms of rationalism as a scientific model, as well as its implications in the debate on the need to decolonize the sciences. To this end, the research aims to question epistemic privilege which has achieved science since modernity. To this end, it is postulated that the Feyerabendian logic of anything goes represents a powerful tool of epistemic disobedience, thus contributing to the progress of science.

Keywords: Paul Feyerabend. Critical rationalism. Epistemic disobedience.

Introdução

O uso dos termos *radicalismo epistêmico* e *Tudo Vale*, aparecem nas obras de Paul Feyerabend¹ desde suas primeiras publicações na década de 1970 e seguiram suas investigações até a sua morte em 1994. Já nas páginas de *Against the method*² (1977) Feyerabend pondera: “a ideia de que a ciência pode e deve ser

¹ Paul Karl Feyerabend, nascido no dia 13 de janeiro de 1924 em Viena na Áustria, filho de pai funcionário público e mãe dona de casa, desde muito pequeno, Feyerabend já demonstrava interesse pela ciência. Ele era curioso e, ainda jovem, montou um telescópio a partir de sucatas, tornando-se um observador do Instituto Suíço de Pesquisa Solar. Talvez dessa curiosidade infantil é de onde parte as suas principais características pessoais, dentre elas a multiplicidade de interesses (Biografías y vidas, 2018). Sua autobiografia, intitulada *Matando o tempo* (1998) narra a sua trajetória acadêmica e o seu encontro com nomes importantes para a filosofia da ciência. Em 1951, Feyerabend obteve seu PhD em Viena e candidatou-se a uma bolsa do *British Council*, para estudar com Wittgenstein em Cambridge; mas Wittgenstein morreu, e ele, em 1952, partiu para Londres a fim de estudar com Popper. As primeiras palavras que ouviu de Popper o impressionaram: “Sou professor de método científico, mas tenho um problema: não existe método científico. Entretanto há algumas regras práticas que podem ser bastante úteis”. Sobre essa afirmação pode-se conjecturar que a possibilidade de essas palavras tenha induzido às primeiras ideias de seu “anarquismo epistemológico” (Feyerabend, 1998, p. 23).

² Acerca de sua obra mais conhecida, *contra o Método*, esta é fruto de discussões entre as suas ideias e as teorias de Imre Lakatos. Após este vir a falecer, Feyerabend decidiu publicar sozinho as

governada de acordo com regras fixas universais é simultaneamente não-realista e perniciosa” (Feyerabend, 1975, p. 295). À primeira vista, a sua aversão à universalidade das regras metodológicas lança uma perspectiva que sugere apresentar o *Tudo Vale* como a única regra factível para o fazer, científico. Ou seja, facilmente, poder-se-ia acusá-lo de criticar uma postura dogmática com uma outra alternativa determinista. Porém, é preciso deixar claro em primeiro lugar, que o ensejo do filósofo austríaco, propõe antes, tornar o fazer científico um tanto quanto liberto de mecanismos metodológicos tradicionais obstaculizastes.

Conforme Chalmers (1993), é nítido que a tecitura teórica de Feyerabend propõe antes de tudo, explicitar a natureza da ciência e a função que esta deve ter numa sociedade livre e democrática. Eis, pois o amalgama do programa feyrabendiano, para o qual “o anarquismo teórico é mais humanitário e mais suscetível de estimular o progresso do que suas alternativas representadas por ordem e lei” (Feyerabend, 1977, p. 9).

Na obra *Introdução à Leitura de Platão* (1988), Alexandre Koiré (1892-1964) ressalta que o progresso científico iniciado na modernidade, possuía como principal característica a descontinuidade, ou seja, tanto a física de Galileu, quanto a astronomia de Copérnico surgem como um sinal de quebra do paradigma epistemológico, encetando assim uma nova cosmovisão do saber. Para tanto, de modo semelhante, a compreensão de que o anarquismo epistemológico através de sua ruptura com o paradigma vigente, possibilitaria um alargamento das perspectivas científicas, é agenciado pelas obras de Feyerabend não somente

suas considerações. Já ao que diz respeito ao tema do anarquismo enquanto questionamento das regras epistemológicas, existe um adendo, na perspectiva de Chalmers (1993), é somente a partir do momento em que consideramos as metodologias científicas em termos de regras as quais os cientistas devem escolher, é que se pode tomar como parâmetro a sua teoria.

através do advento de teorias ditas originais, mas também na factual construção e remodelamento das teses tradicionais. “Essa maneira liberal de agir não é, apenas um fato da história da ciência, é algo razoável e absolutamente necessário para que se desenvolva o conhecimento” (Feyerabend, 1977, p. 30).

A ideia enraizada de que a perspectiva filosófico-científica de Paul Feyerabend é profundamente subjetivista e anarquista é contra-argumentada pelos estudos de Oliveira (2011) para o qual o filósofo possui uma ligação estreita com a visão de descontinuidade epistemológica Koireriana³. Desse modo, se as críticas a Feyerabend advém do argumento de que sua filosofia é a mais terrível personificação do não científico, a posição de Koyré avaliza a tese de nosso filósofo e a aproxima das condições de possibilidade para o progresso científico como símbolo de um corolário de rupturas e inconformismo nas ciências.

Feita tal consideração preambular, importa ressaltar que as investigações de nossa proposta estão circunscritas nas objeções tecidas por Feyerabend no campo da filosofia da ciência ao que tange a prática transgressora nas ciências. A esse respeito, buscamos analisar suas principais obras, cujo conteúdo desenvolve uma profunda reflexão sobre a necessidade de questionar a lógica racionalista no âmbito da pesquisa. Conjecturamos assim, que tal racionalidade tende a permanecer envolta em bolhas rígidas. Para tanto, entendemos que as críticas ao racionalismo como paradigma defendido pelo filósofo austríaco representam

³ Alexandre Koyré, nascido na França em 1892 e naturalizado russo, iniciou seus trabalhos como historiador e filósofo do pensamento religioso e posteriormente ficou conhecido como um historiador do pensamento científico, especialmente por seus textos a respeito da revolução científica do século XVII. Ao que diz respeito a sua trajetória acadêmica, Machado (2017) acrescenta que embora seja certo que a obra de Koyré não se resume à reflexão acerca do pensamento científico e sua história, alerta ali frequentemente dado ao leitor, a coletânea de textos sobre o autor assenta-se principalmente sobre o domínio pelo qual ele se tornou leitura obrigatória para a compreensão do progresso científico empreendido após o renascimento.

uma abertura para questionar o privilégio epistêmico que por muito tempo monopolizou e ideologizou a moderna ciência.

1 A posição do problema: implicações da racionalidade na filosofia da ciência

No âmbito das ciências, convencionou-se o uso da racionalidade enquanto modelo único nas metodologias científicas. Dessa maneira, a noção de conhecimento consolidada desde Platão no *Teeto*⁴, foi assimilada de forma unilateral pela filosofia da ciência, sendo lastreada de forma hegemônica até o século XX. Conforme sugere os estudos de Santos (2011), essa concepção tradicional de racionalidade científica está intimamente relacionada à ideia de método científico⁵. Com efeito, foi partir de *A Estrutura das Revoluções Científicas*⁶, que Thomas Kuhn fundamentou os alicerces que fizeram minar o dogmatismo então vigente.

De acordo com essa nova interpretação:

a tradicional ciência, ameaçaria a racionalidade, a objetividade e a imparcialidade da ciência. Se for assim, concluem alguns, corremos o risco

⁴ Para uma maior compreensão sobre a concepção clássica de conhecimento ver *Teeto* (Platão, 2006, p. 344).

⁵ Vale ressaltar que na modernidade Descartes (1596-1650) atribuiria à razão o papel de legitimar nossas crenças, isto é, de distinguir as ideias claras e distintas, ou verdades auto evidentes, da mera opinião. Ainda assim, reconhecemos a supremacia da racionalidade em detrimento de outras faculdades no âmbito da produção científica. Porém, em consonância aos estudos de Mazzei (2014) ressaltamos que se deve objetar a “pureza” desta racionalidade e conjecturar a existência de racionalidades no plural, alocadas em diversos nichos de saberes.

⁶ No decorrer desta obra Kuhn procurou evidenciar a impossibilidade de justificar racionalmente o pensamento científico pelo fato de ser uma atividade lógico-empírica, analisando o trabalho científico em relação ao seu contexto de descoberta, isto é, os aspectos históricos, sociais e políticos dos cientistas de uma determinada comunidade em diferentes épocas.

de não conceder à atividade científica nenhum privilégio epistemológico especial, situando-a em pé de igualdade com outras atividades humanas que também se propõem a fornecer explicações sobre o mundo, tais como religiões, astrologia e criacionismo (Santos, 2011, p. 4).

Acerca deste ponto, é conveniente antecipar que o anarquismo metodológico preconizado por Feyerabend, deve ser entendido como um alargamento das possibilidades para o processo de aquisição de conhecimento que ultrapasse a barreira do racionalismo científico, e não uma espécie de atentado contra a razão. Feita tal constatação, fica ainda mais claro visualizar o epicentro dos postulados de nosso autor. Sendo assim, o foco agora recai sobre a problemática da super valorização racionalista engendrado pelo positivismo lógico. Este por sua vez, defende a existência de um parâmetro que distingue “o científico do não científico”, e esse indicador seria apenas as afirmações verificáveis empiricamente. Nesse sentido, a preocupação de Feyreabend se desenha do esforço para defender “que as metodologias da ciência fracassaram em fornecer regras adequadas para orientar a atividade dos cientistas” (Chalmers, 1993, p. 174). Semelhante premissa é corroborada por Oliveira (2011) para o qual, além de pensar sobre como os cientistas fazem ciência e como acredita que os filósofos refletem sobre a ciência, a obra de Feyerabend analisa também como na realidade estás deveriam refletir. Obviamente que não se trata de uma autossuficiência metodológica, que possibilitaria pensar no uso de artifícios ou caminhos não científicos.

A nível de exemplo, a hipótese de que a racionalidade tem sido uma das questões que mais preocupam os filósofos da ciência é útil para indagar se “seria o discurso racionalista na ciência apenas uma cortina de fumaça para tecnocratas” (Hacking, 1994, p. 1). À primeira vista não parece grave essa asseveração, pois é

sabido que a natureza científica em sua macro estrutura possui como pano de fundo o racionalismo científico⁷; até porquê, de que outra forma o status científico viria a ser estratificado como elemento indissociável da ciência?

Uma possível resposta a esta indagação parece emanar das proposições de Feyerabend em comprovar que há uma “irracionalidade no racionalismo”. Dessa forma, um dos *fortis argumentum*, também corroborado por Thomas Kuhn, é que a construção a respeito dos critérios de evolução das teorias científicas ao longo da história colocou em xeque, sobretudo a ideia de racionalidade e que não se pode tomar a racionalidade da ciência como um modo de conhecer superior aos demais modos. Certamente por isso é que o autor de *Adeus a razão* faz uma distinção entre o cientista razoável e o charlatão. Como sugere o filósofo austríaco, os cientistas (respeitáveis) acrescentam com argumentos plausíveis e prometem sucesso, ao passo que os dogmáticos pensam em situações implausíveis, absurdos, que por sua vez é fadado ao fracasso⁸.

Diante dessas problemáticas, prossegue complexa a relação entre ciência e racionalidade, de modo que os desafios e debates sobre a sua *teleologia*, cujo invólucro de um dogmatismo extenuante, tem apenas engessado a discursão, sobretudo quando seus interpretes consideram a integração de outras primas científicas como sinônimo de descarte. Ainda assim, se de um lado os racionalistas perderam sua munição teórica, tendo em vista a aparente vitória do racionalismo científico. Os relativistas, como é o caso de Kuhn, parecem ter encontrado uma

⁷ No campo das ramificações racionalistas e seus desdobramentos, o binômio racionalidade e ética é uma junção que se faz notar cada vez mais no contexto contemporâneo. Sendo assim, essa interação entre racionalidade e ética na ciência é problematizado pelo desenvolvimento de armas nucleares, questões ambientais e dilemas éticos em pesquisas biomédicas destacam a necessidade de considerar não apenas o que “podemos fazer” da ciência, mas também ao que “devemos fazer”.

⁸ Ver *Realismo e instrumentalismo* (Press, 1964, p. 305).

espécie de ancora na comunidade científica. [...] não há caminho simples de guiar a prática por meio de regras ou de criticar padrões de racionalidade através de uma prática (Feyerabend, 1993, p. 241).

Como defende Henry (1998) dentro da historiografia da ciência, a revolução científica como é historicamente fixada no século XVII, possui seus alicerces na filosofia antiga, especificamente em figuras como Aristóteles e Platão que enxergam na compreensão da razão e do pensamento lógico, os fundamentos para a investigação do mundo através do método dedutivo baseado na observação e na lógica. Após essa mudança, o caminho para o aprimoramento dos métodos e investigações liderada por nomes como Galileu, Kepler e Newton, potencializou uma nova abordagem à racionalidade na ciência. Ou seja, com um método científico, baseado na observação sistemática, experimentação e formulação, as teorias testáveis, passou a ser a pedra angular da ciência moderna:

a matematização da natureza que foi considerada um elemento importante da revolução científica, em geral era atribuída a uma formidável mudança no sistema metafísico que endossava todos os conceitos do mundo introduzindo conceitos do físico introduzindo maneiras platônicas e pitagóricas de ver o mundo em substituição à metafísica aristotélica da filosofia natural medieval (Feyerabend, 1998, p. 20).

Essas elucidações reforçam a importância do acúmulo progressivo de teorias para o aprimoramento da ciência. Pois a filosofia pensada como ciência unicamente teórica como pensavam os alquimistas certamente não traria tais avanços sem a consolidação de uma prática. A ciência neste sentido, busca compreender a natureza e o funcionamento do universo por meio de observações, experimentos e análises sistemáticas. Ela se baseia em métodos empíricos e na formulação de teorias testáveis. Ainda que muitas vezes, é focada

na descrição e explicação das especificações naturais, utilizando um método especificamente científico para validar ou refutar hipóteses.

É importante ressaltar ainda que em se tratando do racionalismo crítico a objetividade ocupa um lugar central no progresso científico “uma vez que esse carácter encontra-se único e exclusivamente na tradição crítica” (Popper, 1989, p. 78). Sem nos determos na querela acerca da noção de verdade⁹, o impacto dos que escolhem tal teoria, é solidificado pelo pressuposto de que as teorias que se conformam às exigências do critério universal são verdadeiras (Chalmers, 1993, p. 138). Para tanto, a nova perspectiva científica capaz de tencionar a possibilidade de uma teoria a ser testável, refutável ou mesmo refutável é o que constitui o que podemos denominar de ‘critérios de demarcação Popperiano’, que também denota a virada radical que iria imergir coma as críticas a um racionalismo no contexto da pós-modernidade.

Isto posto, nota-se que o ideal de racionalidade científica pensado no âmbito dos ditames da pesquisa continua a evoluir, ainda que vem enfrentando desafios cada vez mais complexos, como a pesquisa em campos interdisciplinares e a utilização de grandes volumes de dados, as quais levanta questões sobre a aplicabilidade do método científico clássico.

Não por acaso, pesa sobre o racionalismo certos eventos que marcaram negativamente a história. Com o surgimento da grande guerra, muito se questionou sobre a razão instrumental. Os teóricos da Escola de Frankfurt, por exemplo, quiseram problematizar qual a eficácia da razão para a sociedade global diante de um progresso que mais matou e dominou populações em todo mundo

⁹ Vale ressaltar que tanto Popper quanto Aristóteles abraçam a ideia de aquisição de conhecimento por via da dedução, ainda que somente Aristóteles defenda a universalidade e infalibilidade de tal método.

do que atribuiu um objetivo desinteressado e humanista. De modo que “o progresso ameaça anular o próprio objetivo que ele supostamente deveria realizar – a ideia de homem” (Horkheimer, 2015, p. 8) que validade possui a ciência contemporânea, tendo em vista que ela está intimamente ligada à métodos fixos e deterministas? Isso levanta questões sobre a racionalidade e sua relação com as teorias tradicionais e a necessidade de incluir a prática de outras formas de fazer científico.

1.1 Questionando o método: a filosofia insurgente de Paul Feyerabend

Comumente, muito se contesta sobre o impacto das proposições de Paul Feyerabend no âmbito da filosofia da ciência. Para além de seu rigor metodológico, e incompreensões de sua posição teórica, o filósofo austríaco trouxe contribuições fundamentais para pensar o fazer científico desprendido de regras totalizantes e reguladoras do progresso. Nesse sentido, este tópico, busca descortinar as interpretações aplicadas a sua posição epistemologia. Esse processo por sua vez, evoca uma reflexão panorâmica sobre as suas teorias a fim de demonstrar que a sua filosofia se configura num protótipo de ferramenta insurgente.

Em primeiro plano, vale ressaltar a posição de Feyerabend (2011) ao que tange a sua denúncia quanto ao caráter potencialmente opressor da ciência, chegando a alertar que a prevalência da ciência poderia representar uma ameaça até mesmo a liberdade de pensamento. Pois em mundo possível no qual a atividade científica caracteriza-se pela busca de metas específicas, entre as quais a capacidade de prever fenômenos e de explicá-los, aspectos como pluralidade

e liberdade deveriam ser mecanismos indissociáveis. Talvez por isso ele tenha herdado o epíteto de “o mais perigoso inimigo da ciência” (Horgan, 1993, p. 36).

Ainda assim, a tentativa de desvelar sua faceta reacionária, bem como as nuances que reforçam os traços de sua insurgência, encontramos- lo sobre o ambiente efervescente da Londres da década de 1950, cercado por nomes de peso como Karl Popper e Imre Lakatos. É nesse lugar de debate e de crítica que se percebe um Feyerabend já com ideias que fariam um marxista mais anárquico repensar o seu grau de subversão epistêmica. Ao afirmar que “a ciência não é sacrossanta” (Feyerabend, 2011, p. 2), Feyerabend contesta a opção tomada pelos cientistas de dispensar teorias que uma vez aplicadas e no primeiro momento foram tidas como falhas.

Dessa maneira, sobre a adesão ou não do chamado método universal Chalmers pensa que:

[...] a rejeição de um método universal e de um padrão geralmente aplicável não equivale a rejeição de todos os métodos e todos os padrões, como é sugerido por algumas declarações de Feyerabend (Chalmers, 1993, p. 36).

Essas totalizações feitas sobre as denúncias Feyerabendianas, deixa claro que muitos desconhecem o real motivo pelo qual o nosso filósofo tece suas críticas na sua obra mais conhecida, *Contra o Método*. É importante sinalizar que o objetivo do filósofo austríaco é problematizar o sequestro do racionalismo como base impreterível para o fazer científico. Em outras palavras, [...] “o racionalismo exige uma espécie de fidelidade às normas que acabam gerando um engessamento nas pesquisas” (Oliveira, 2011, p. 2). Destarte a essa possibilidade de proporcionar uma democratização da ciência, abre margem para refletir sobre

o quanto as críticas ao racionalismo condicionam nuances para propor uma desobediência epistêmica¹⁰.

Do mesmo modo, concordamos com Oliveira (2011), quando defende que conjecturar a filosofia de Feyerabend, alocando-a em um lugar estéril, expresso pelo dito anarquismo, não é uma tarefa simples. Até porque existe em suas reflexões em sua busca por uma identificação dos obstáculos na pesquisa um rigor histórico e metodológico muito objetivo, os quais denotam uma profunda coerência e cientificidade. “Sendo assim, são esses os elementos devem ser considerados quando alguém desejar fazer qualquer categorização desse autor” (Oliveira, 2011, p. 3).

As observações pontuadas por Leal reivindicam a noção de impossibilidade de tomar a objetividade como discurso monolítico. Sobre essa alteração, este afirma que:

é possível apreender uma certa noção de racionalidade científica [...]. Essa racionalidade molda-se no decorrer da obra de Feyerabend e vai tornando-se explícita a partir da primeira publicação do artigo *Contra o Método*, apresentando-se de forma mais elaborada nas publicações posteriores e escritos contemporâneos a esse texto (Leal, 2002, p. 86).

Nesta mesma linha, no prefácio de *Adeus à Razão* (2010), Feyerabend rechaça que suas obras visam criticar duas concepções complementares: a ideia de razão e a ideia de objetividade. Segundo o filósofo essas ideias foram tomadas

¹⁰ O conceito de desobediência epistêmica aqui discutido tem como aporte teórico os estudos do filósofo argentino Walter Mignolo. O mesmo toma como arquétipo a desobediência civil empreendida pelos ativistas Mahatma Ghandi e Luther King. Desse modo, sob os vértices do pensamento Decolonial, Mignolo realiza uma diferenciação ao afirmar que a desobediência civil sem desobediência epistêmica permanecerá presa em jogos controlados pela teoria política e pela economia política eurocêntricas.

como instrumento que enviesou a expansão ocidental intelectual. isso quer dizer que Feyerabend tem clareza a respeito da concepção tradicional de razão, que muitas vezes é vista como um guia universal e inquestionável para a investigação e a tomada de decisões. Ele desafia a ideia de que existe uma única maneira “racional” de abordar problemas ou de conduzir investigações científicas.

Do mesmo modo ele sabe que

[...] introduzir uma nova teoria implica mudanças de perspectiva tanto em relação aos traços observados como aos traços não observados do mundo, e as mudanças correspondentes nos significados dos termos, inclusive os mais ‘fundamentais’ da linguagem empregada. [...] a influência de uma teoria científica compreensiva, ou de algum outro ponto de vista geral, sobre nosso pensamento, é muito mais profunda do que o admitem os que a consideram tão somente como um esquema conveniente para a ordenação de fatos. De acordo com esta primeira ideia, as teorias científicas são formas de ver o mundo e sua adoção afeta nossas crenças e expectativas gerais e, como consequência, também as nossas experiências e a nossa concepção de realidade. Podemos dizer, inclusive, que o que se considera natureza em uma época determinada é um produto nosso, no sentido de que todos os traços que nós lhe registramos foram, primeiro, inventados por nós e usados depois para outorgar ordem àquilo que nos rodeia (Feyerabend, 1977, p. 39).

Como cadenciado por Feyerabend em sua obra *Contra o método*, a ideia de que as comunidades científicas tenham poder absoluto para embargar os programas de pesquisas, constitui uma barreira para o progresso científico, dado que o discurso científico pode ser visto mais como um evento razoável do que propriamente racional, haja vista que o uso da retórica deve servir não para persuadir ou enganar adversários, mas para convencer os pares da razoabilidade dos fundamentos do conhecimento em questão (Lenzi, 2011, p. 8).

2 O engendramento de uma ciência insurgente

Ao evocar o imperativo de uma reação ao processo de desumanização que orbita o racionalismo frio e instrumental, Marx Werber¹¹ (1978) defende que a ciência tem a capacidade de elucidar para o ser humano o significado daquilo que ele realiza e as possibilidades racionais ao seu alcance. Tais asseverações feitas por um dos precursores da sociologia clássica, corrobora para a visão de que caberia a ciência de forma livre oferecer uma compreensão mais profunda de nossas ações e das oportunidades lógicas disponíveis.

Nesta perspectiva, quando se analisa a ciência a em sua estrutura dominada por uma cosmovisão ocidentalizada, nota-se que semelhante as críticas de Werber à ciência racionalizada, também Feyerabend debruça-se analiticamente em descortinar a ideia de um universalismo racionalista na pesquisa. Desse modo, formam aportes para pensar no advento de uma ciência insurgente que se materializa na prática da desobediência epistêmica, ou seja, trata-se de um ato de resistência intelectual que desafia as normas e convenções

A ciência desse modo, implica progresso e o progresso, obviamente não possui um fim. Nesse contexto, a desobediência epistêmica representa uma

¹¹ Considerado um dos sistematizadores da sociologia, Werber, na conferência proferida em 1917, intitulada *A ciência como vocação*, defende que a ciência não é capaz de fornecer orientações sobre nossos desejos e imperativos éticos, ou seja, não podemos ditar o que devemos escolher ou fazer em termos de escolhas e valores pessoais. Também, é possível verificar uma crítica austera a crescente racionalização e o progresso do conhecimento técnico enquanto contributo para o 'desencantamento do mundo' e para procurar 'dominar todas as coisas pelo cálculo'. O que para ele não significa saber mais das condições de vida em que existimos. A esse respeito, deve-se ponderar a perspectiva de Valente (2011) em que, segundo a sua interpretação, a premissa de Werber pode ser resumida na assertiva de que "[...] o progresso científico é um fragmento, o mais importante indubitavelmente, do processo de intelectualização a que estamos submetidos desde milênios" (Valente, 2011, p. 4).

quebra deliberada com os paradigmas, questionando dogmas e explorando territórios cognitivos até então pouco explorados. Este movimento não apenas desafia a rigidez das estruturas das comunidades científica, mas também fomenta uma abordagem mais flexível e inovadora na busca por compreensão e descoberta. Ao desafiar as fronteiras do estabelecido, a desobediência epistêmica emerge como um acontecimento para a evolução científica, permitindo a entrada de novas perspectivas e a construção de um conhecimento mais dinâmico e inclusivo.

É verdade que as preposições de Feyerabend (1987) expandem expressivamente a reflexão crítica sobre as limitações das abordagens tradicionais, defendendo a ideia de que a verdadeira inovação muitas vezes surge da quebra de paradigmas e da exploração de múltiplos caminhos metodológicos. Essa filosofia insurgente convida a uma reavaliação das estruturas, incentivando uma postura mais aberta e adaptativa na busca pelo entendimento científico.

Sobre o exposto, a indagação que poderia surgir é porque criticar a racionalidade? não seria ela benéfica, até porque eu a utilizo inclusive para fazer tais críticas. A resposta advinda do pensamento descolonial é que não existe uma negação total da racionalidade. Pois o objetivo não é rejeitar a razão em si, bem como não é de defender a “razão pela razão mesma” (Dussel, 2017, p. 324). Logo, indo além de uma racionalidade instrumental.

Vale ressaltar que o contraste entre a ciência moderna, o privilégio epistêmico e a crítica ao ideal de racionalidade possuiu seu reduto no chão fértil da modernidade. Isto é, concomitantemente à constituição da modernidade e ao desenvolvimento do capitalismo, ocorreu o nascimento da filosofia moderna com sua pretensão de universalidade (Dussel, 2015, p. 85). A essa compreensão universalista que se ampara a filosofia moderna, furtou para si a personificação

do racional, com efeito, todas as demais filosofias e povos que não europeu são o objetivo e subalternizados.

Neste panorama, as proposições de Paul Feyerabend, ressoam como clarim de possibilidades, evocando a pluralidade epistêmica, a qual torna-se condição fulcral para desafiar o pensamento hegemônico tradicional. Ao afirmar que a ciência é uma espécie de empresa anárquica, o nosso filósofo não despreza todo formalismo e regras metodológicas, mas abre debate para questionar o a racionalidade das ciências. Por conseguinte, ao pesquisador pede-se certa radicalidade. Este deve ser um perito em violar as enrijecidas regras metodológicas, pois é assim que se estabelece o progresso da ciência.

Nas páginas de *Contra o Método* (1989), Feyerabend é categórico ao ressaltar que seu trabalho se apresenta antes de tudo como “o remédio mais excelente para a epistemologia e a filosofia da ciência” (Feyerabend, 1976, p. 12). Para além de sua notória ousadia, a proposta levada a cabo é a de que as regras ingênuas e simplistas que os metodologistas adotam como guia não são capazes de explicar esse ‘labirinto’ de interações.

Nesta conjuntura, é preciso articular estratégias para fomentar a cisão com certa ciência universalista que,

para ir além dessa compreensão limitada sobre o que é o conhecimento moderno e, assim, enfrentar a colonialidade, é necessária uma postura de desobediência epistêmica. É preciso ir além do que é comumente narrado como moderno e, conseqüentemente, como conhecimento moderno (Mignolo, 2017, p. 30).

Também é verdade que as considerações de Mignolo são personificadas pelas máximas de Feyerabend, advindo de seu o pluralismo epistêmico. O que não significa dizer que se deve aceitar qualquer método. Há uma régua para medir

o que é científico dentro da possibilidade de potencializar o progresso, mas que “não deve ser visto como um princípio destrutivo da ciência, mas como um meta-princípio, ou princípio de ordem superior sob o qual haveria um inferior, que seria o ‘nem tudo vale’” (Feyerabend, 1977, p. 23).

2.1 A lógica do vale-tudo como pluralidade epistêmica

Como discutido anteriormente, a crítica à ideia de racionalidade tendo como protótipo à desobediência epistêmica surge como uma reflexão profunda em torno dos limites do pensamento humano e a natureza complexa do conhecimento. A noção tradicional de racionalidade muitas vezes é questionada por teóricos como Mombaça (2015) o qual traz a compreensão de que ao propor novas formas alternativas de produzir e fazer conhecimento, os sujeitos que argumentam que as decisões e explicações humanas são influenciadas por uma variedade de fatores subjetivos, emocionais e sociais, minando a premissa de uma racionalidade puramente lógica, bem como pela exclusão da imensa gama de epistemologias existentes.

Através de um exame mais detido acerca do racionalismo científico, fica evidente que:

é problemática a defesa da prevalência de um método científico único – os métodos empregados por uma ciência baseada principalmente em experimentos conduzidos em laboratório, como a química, são bastante diversos daqueles empregados por uma ciência que não pode conduzir experimentos e dispõe apenas da observação, como a astronomia (Santos, 2017, p. 6).

A desobediência epistêmica nesse sentido, implica propor uma resistência às normas e autoridades específicas no âmbito do conhecimento. A discussão acerca desta prática é vista por alguns como uma forma de subversão necessária diante de paradigmas que podem perpetuar injustiças ou perspectivas alternativas limitadas. Portanto, a crítica a essas ideias busca abrir espaço para uma compreensão mais plural e contextualizada do pensamento, acompanhando a influência de diferentes vozes e experiências na construção do conhecimento.

A máxima do *tudo-vale* Feyerabendiano pode ser sintetizada como sendo a condição tangível de que em nenhuma hipótese iria inibir o progresso¹²:

[...] É claro que a ideia de um método estático ou de uma teoria estática da racionalidade funda-se em uma concepção demasiado ingênua do homem e de sua circunstância social. Os que tomam do rico manancial da história, sem a preocupação de empobrecê-lo para agradar a seus baixos instintos, a seu anseio de segurança intelectual (que se manifesta como desejo de clareza, precisão, objetividade, (verdade), esses veem claro que só há um princípio que pode ser defendido em todos os estágios do desenvolvimento humano. É o princípio: tudo vale (Feyerabend, 1988, p. 27).

A compreensão de que as epistemologias estão insufladas de privilégio é debatido amplamente e todos os campos das ciências. Grasgoguel (2006), por exemplo, questiona como é possível que somente pensadores de cinco países europeus formem o seleto cânone da filosofia e das ciências humanas de modo geral. Por conseguinte, defende que está na hora de questionar tal privilégio epistêmico e propor uma ecologia dos saberes. Neste aspecto, a teoria do tudo-

¹² Na perspectiva de Silveira (2011) a posição de Feyerabend com relação as teses de Galileu é um exemplo histórico especial para seus propósitos em função também das possibilidades de detalhamento do pensamento deste último. Isto é, além do fato de que Galileu se encaixa bem como um exemplo de seu ataque à linha racionalista do tipo popperiana, Feyerabend acredita que se adiciona a isso o detalhamento das pesquisas do cientista italiano.

vale, funciona como uma lança, capaz de furar a bolha academicista e excludente que impossibilita tomar por seriedade os conhecimentos¹³ e métodos que não advindos do norte global.

Embora Feyerabend (1989) sugira a necessidade de adotar uma postura mais ética¹⁴ do que metodológica em relação à ciência, não concordamos totalmente com seu tipo de voluntarismo teórico. A metodologia da ciência natural é resultado de séculos de desenvolvimento e, embora restrinja certos procedimentos, ajuda a proteger a sociedade e os indivíduos contra afirmações infundadas. No entanto, é importante destacar que a metodologia científica não pode ser encarada como um conjunto unificado e absoluto de regras e procedimentos que visa excluir qualquer intuição ou abordagem de pesquisa que não esteja alinhada com suas suposições.

Acerca disso, a perspectiva a sua posição é bastante clara ao apontar os riscos da tensão na consideração da metodologia, enfatizando que a estagnação do pensamento é um perigo iminente nesse contexto. Ele defende a visão de que uma metodologia deve ser encarada como um conjunto aberto de procedimentos, mas com segurança a objetividade de uma determinada conclusão do que estabelece rigidamente um padrão que dogmaticamente exclui intuições ou abordagens que não se encaixam perfeitamente nela. Em vez de serem tribunais inflexíveis da razão, as regras metodológicas devem ser vistas como periodicidade de conduta na pesquisa, evitando assim separar a ciência de outras formas

¹³ Obviamente que tal interpretação vale não apenas para a ciência, mas também para os demais campos do fazer humano. No caso da ciência, apesar da grande oposição contra novos pontos de vista, muitos deles mostraram-se com o tempo capazes de apontar novos caminhos que decretaram a superação dos modos anteriores de se compreender a realidade (Couto, 1999, p. 5).

¹⁴ Ver a obra *A tensão essencial* (Feyerabend, 1989).

Para o nosso filósofo, a revolução copernicana foi um grande exemplo de como o progresso científico independe do seguimento dogmático de teorias universalmente aceitas

Pois o que existem são padrões que auxiliam o cientista na avaliação da situação histórica em que ele toma decisões “[...] e não regras que lhe digam o que fazer. A aceitação do heliocentrismo foi, em primeiro lugar, paulatina” (Feyerabend, 1989, p. 359).

3 Aplicação das teorias de Feyerabend como epistemologias insurgentes

“O único princípio que não inibe o progresso é o tudo-vale” (Feyerabend, 1977, p. 17). Já de início, o nosso filósofo antecipa sua proposta do tudo-vale e chega a desconsiderar até mesmo a “quase infalível” comunidade científica. Segundo Neto (2011) Feyerabend propõe, portanto, uma ciência que não esteja sob o controle estatal, mas que seja controlada publicamente pelo “homem da rua”, o cidadão comum, organizado em comissões de especialistas devidamente eleitos. Obviamente ele concorda que uma comunidade científica, logra do privilégio de poder dispensar validade científica aos diversos empreendimentos.

De modo semelhante ao contextualíssimo de Kuhn, para o qual a ciência progride tendo como referência o contexto e os paradigmas que ser adotados. Nesse ponto, o que intentamos a princípio é analisar o método do tudo-vale enquanto uma proposta vertical para possibilitar a aplicabilidade de outras formas de fazer ciência.

Na perspectiva de Aranha e Martins (1993) se o senso comum é subjetivo por se basear em achismos pessoais dos indivíduos, a comunidade científica aparece como conjunto de conhecedores específicos na área da investigação

científica. A super valorização das comunidades científicas como discorrido acima, encontra-se alocada em uma espécie de entrave meramente teórico, de modo que por expressar tal pretensão de tradicionalismo e ser a “conservadora da verdade”, a comunidade científica insiste em tomar como parâmetro antigas teses, que tendo já caído por terra, paralisa o progresso científico. Obviamente que também existe muita ambiguidade quando se mensura o impacto e a relevância da comunidade científica, sobretudo quando se refere ao poder e influência que esta exerce na sociedade. Para tanto, neste tópico procuramos aprofundar ainda mais as preposições de Feyerabend, a fim de demonstrar que a proposta de um pluralismo na pesquisa pode ser utilizada como um instrumento no sentido de questionar o privilégio epistêmico.

A condição de coerência, por força da qual se exige que as hipóteses novas se ajustem a teorias aceitas, é desarrazoada, pois preserva a teoria mais antiga e não a melhor. Hipóteses que contradizem teorias bem assentadas proporcionam-nos evidência impossível de obter por outra forma. A proliferação de teorias é benéfica para a ciência, ao passo que a uniformidade lhe debilita o poder crítico. A uniformidade, além disso, ameaça o livre desenvolvimento do indivíduo (Feyerabend, 1977, p. 24).

Vale ressaltar ainda que para Feyerabend, a aplicação do seu contra-método deve ser tomado como uma atitude concreta. Logo, o ideal é abertamente a necessidade de ser contra as regras, ou seja, se a regra é a indução, deve-se usar a contra indução, a qual incide na aceitação de hipóteses alternativas. Nesta perspectiva, quando a visão hegemônica pretende impor sobre a academia, determinada ideia pretensamente validada, deve-se colocar como alternativa a diversidade das epistemologias existentes.

Como pensa Santos (2005) a universidade tornou-se um ambiente que resta pouco espaço para saberes e conhecimentos não científicos, dotados de outras

temporalidades e cujos padrões de medições diferem daqueles usualmente aceitos pela racionalidade cognitivo-instrumental, ligada diretamente ao princípio de mercado para o qual individualismo e concorrência são centrais

Para ele uma resposta ao dogmatismo virulento na academia é a ecologia dos saberes, a qual para ele

[...] é um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônicas e pretendem contribuir para as credibilizar e fortalecer. Assentam em dois pressupostos: 1) não há epistemologias neutras e as que clama sê-lo são as menos neutras; 2) a reflexão epistemológica deve incidir não nos conhecimentos em abstrato, mas nas práticas de conhecimento e seus impactos noutras práticas sociais (Santos, 2006, p. 154).

Dessa maneira, se todos os saberes são incompletos, condição a que não escapa a própria ciência, porque não utilizar de métodos diversos para obtenção de conhecimento? Acerca disso, a notoriedade para a filosofia da ciência trazida por Feyerabend, foi sem dúvida o fato dele ter questionado a supremacia do racionalismo como guia único e universal no processo científico. Sua visão mais flexível e pluralista, argumentando que uma diversidade de métodos e perspectivas é crucial para o progresso intelectual. Não importa que a nova explicação contradiga fatos estabelecidos. “Ela deve possuir uma força de persuasão interna que possibilite aos indivíduos compreender a nova maneira de se considerar um fenômeno” (Couto, 1999, p. 8).

Ao questionar metodologias rígidas e ao promover a diversidade de perspectivas, à medida que epistemologias insurgentes se alinham com a visão de Feyerabend de uma ciência mais flexível e inclusiva. Quando inseridas no contexto de uma ciência descolonizadora, essas abordagens não apenas desafiam histórias e visões eurocêntricas do saber, mas também buscam redefinir os próprios

fundamentos da produção do conhecimento, possibilitando a emergência de vozes marginalizadas e a criação de narrativas científicas mais equitativas e reflexivas. Essa intersecção entre as teorias de Feyerabend e as epistemologias insurgentes contribui para uma transformação profunda na compreensão e prática do conhecimento científico, promovendo um caminho mais democrático e pluralista na construção do saber.

Conclusão

Diante do exposto, podemos perceber que a crítica ao ideal de racionalidade na pesquisa de Paul Feyerabend surge como um protótipo exemplar de desobediência epistêmica. Suas ideias revolucionárias na filosofia da ciência desafiaram e continuam a desafiar uma concepção tradicional de racionalidade que há muito tempo ocupava um papel preponderante na pesquisa científica. Sua abordagem propõe uma visão mais flexível e inclusiva, questionando a imposição de métodos rígidos e uniformes na busca pelo conhecimento.

Ao romper com o *"status quo"* da racionalidade, Feyerabend destaca a importância de considerar a diversidade de abordagens e perspectivas na pesquisa científica, promovendo uma visão mais pluralista do processo de descoberta. Sua crítica ao ideal de racionalidade serve como uma prática para compensar as normas condicionais, incentivando a exploração de múltiplos caminhos epistêmicos, caracterizando, assim, a desobediência epistêmica como uma ferramenta poderosa na evolução do pensamento científico.

Quanto à postura contra hegemônica na pesquisa, ficou claro que a desobediência epistêmica surge como um instrumento potente no sentido de desafiar as abordagens tradicionais da pesquisa científica, destacando-se por sua

crítica à racionalidade dominante. A desobediência epistêmica, por sua vez, deve continuar a realizar o seu papel questionador, e caminhar para a desconstrução da ideia de que a ciência deve aderir rigidamente a regras e métodos preestabelecidos. Por fim, o argumento Feyerabendiano de que a diversidade de abordagens e a flexibilidade metodológica são essenciais para o progresso científico, contrariando a visão linear e racionalista da pesquisa, não deve ser tomado como uma postura anticientífica ou extremamente anarquista, mas sim, ser recebida como uma alternativa tal como os debates dos dogmáticos face aos céticos empiristas, uma vez que a crítica busca ampliar o escopo da investigação científica, encorajando a experimentação e a incorporação de diferentes perspectivas, promovendo assim uma compreensão mais rica e dinâmica do conhecimento científico.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

BACON, Francis. **Novum organon**: ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza. São Paulo: Victor Civita, 1973.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação na américa latina**. São Paulo: Loyola, 1977.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FEYERABEND, Paul. **A tensão essencial**. Porto, PT: Escuta, 1989.

HACKING, Ian. **Representar e intervir**: tópicos introdutórios à filosofia das ciências naturais. São Paulo: USP, 1983.

HOCKAIME, Marx. **Eclipse da razão**. Rio de Janeiro: Ed. Labor, 1976.

KOYRÉ, Alexander. **Introdução à leitura de Platão**. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LEAL, Halina. Feyerabend e a racionalidade científica. In: LORENZANO, Pablo; MOLINA, Fernando Tula. **Historia y filosofía de la ciencia en el cono sur**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2002.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência**. Disponível em:
https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuic__a__o_da_vi.
Acesso em: 17 maio 2024.

MOREIRA, Marco Antônio; MASSONI, Neusa Teresinha. **Epistemologias do século XX**. São Paulo: Epu, 2011.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011. Disponível em:
https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell. Acesso em: 18 maio 2024.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, (s/d).

POPPER, Karl. **A racionalidade das revoluções científicas**. São Paulo: Edusp, 1976.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto, PT: História e ideias, 1987.

SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do sul**. Coimbra, PT: Almeida, 2010.

SILVEIRA, F. L. **Karl Popper e o racionalismo crítico**. São Leopoldo, RS: Scientia, 1994.

STUART Mill. **Sistema de lógica dedutiva-indutiva**. São Paulo: Victor Civita, 1973.

VILELA, Rita Amélia Teixeira. Max Weber: entender o homem e desvelar o sentido da ação social. In: TURA, Maria de Lourdes Rangel (Org.). **Sociologia para educadores**. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

WEBER, Max. A ciência como vocação. In: WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.